ESPACIALIZAÇÃO E ORDENAMENTO DAS PRAÇAS, ESPAÇOS DE RECREAÇÃO E LAZER, NA ESTÂNCIA TURÍSTICA ILHA SOLTEIRA - SP [1]

Lílian Aparecida Campos Dourado[2]
Edima Aranha Silva[3]

RESUMO

Esse artigo resgata a importância das praças no cotidiano dos que vivem nas cidades, visto que a praça pode ser considerada espaço para o lazer passivo e contemplativo. Na locomoção diária entre local de trabalho ou estudo e o domicílio, percorrer a cidade pode se tornar uma experiência agradável com valorização do verde e atividades ao ar livre. Este trabalho foi realizado em Ilha Solteira, cidade paulista construída pela CESP em 1967, emancipada em 1991, elevada à categoria de Estância Turística em 2000, devido aos seus recursos naturais e paisagísticos. Teve como objetivo caracterizar as praças, sua espacialização, aspectos físicos, estéticos e sociais. O diagnóstico desses espaços, foi feito por meio de metodologia quali-quantitativa, avaliações *in loco* e entrevistas. Foram analisados os equipamentos, estrutura, vegetação e formas de uso. A porção norte da cidade, quanto ao ordenamento e uso do solo, apresenta grande concentração de blocos de casas geminadas com poucos espaços livres. As praças se bem reestruturadas poderão constituir-se em áreas de recreação e lazer no cotidiano da população, contribuir para uma vivência mais rica da cidade, quebrar a monotonia dos blocos de casas, estabelecer pontos de referência e vínculos afetivos, e ainda aumentar o potencial turístico da cidade. Enfim, os moradores das cidades necessitam de espaços de lazer, lugares de simultaneidade e de encontros urbanos onde as formas de tempo e espaço devem ser propostas e criadas à práxis.

Palavras-chave: Ilha Solteira; Estância Turística; praças; lazer.

[1] Este artigo é parte da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso Geografia CPTL/UFMS e do grupo de pesquisa "Espaço urbano e produção do território" do CPTL/UFMS.

[2]Bacharel e Licenciada em Geografia – CPTL/UFMS; Professora no Curso de Geografia CPTL/UFMS; Mestranda em Geografia – CPAQ/UFMS; email douradogeo@yahoo.com.br. Currículo Lattes

[3]Doutora em Geografia UNESP/Presidente Prudente/SP; Professora da graduação e pós-graduação em Geografia – CPTL/UFMS; e-mail earanha@ceul.ufms.br.

RESUMEN

Ese artículo rescata la importancia de las plazas, en el cotidiano del que vive en las ciudades, porque la plaza puede ser considerada espacio para el pasatiempo pasivo y contemplativo. En la locomoción diaria entre lugar de trabajo o estudio y la casa, trillar la ciudad pode volverse el una experiencia agradable con la valorización del verde y actividades al aire libre. Este trabajo estaba cumplido en Ilha Solteira la ciudad de São Paulo construida por CESP en 1967, emancipada en 1991 y Estancia Turística en 2000, debido a sus recursos naturales y paisagísticos. Se apuntó a caracterizar las plazas, su espacialización, los aspectos materiales, estéticos y sociales. Se diagnosticó esos espacios, con la metodología quali-cuantitativa, las evaluaciones en loco y entrevistas. Se analizó los materiales, él las estructuras, vegetación y formas del uso. La porción norte de la ciudad, con la relación al ordenamento y uso de la tierra, regalos que la gran concentración de conjuntos de casas dobló con pocos espacios libres. Las plazas si bien reorganizadas serán capaces de constituir en las áreas de recreación y pasatiempo en el cotidiano de la población, contribuir para una existencia más rica de la ciudad, romper la monotonía de los conjuntos de viviendas, establecer punto de referencia y las vinculaciones afectivas, y todavía para aumentar el potencial turístico de la ciudad. Finalmente, los residentes de las ciudades necessitam de calificacion de los lugares, la simultaneidad pone y de encuentros urbanos dónde deben proponerse las formas de tiempo y espacio y sirvientas al praxis.

Palabra-llave: Ilha Solteira; La Estancia Turística; las plazas; pasatiempo.

INTRODUÇÃO

A cidade de Ilha Solteira foi planejada e construída pela CESP (Companhia Energética de São Paulo). A construção do núcleo urbano iniciou-se em 1967, na divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul, no extremo noroeste do Estado de São Paulo, permanecendo como distrito do município de Pereira Barreto até 1991, quando foi emancipada.

Trata-se de uma cidade compacta, com poucos espaços livres entre as habitações. O planejamento urbano foi estabelecido a partir de um zoneamento habitacional, com base na existência de seis diferentes segmentos funcionais e

categorias salariais da CESP, para as quais foram definidos seis tipos de moradias conforme o tamanho do lote e o tipo de residência.

A divisão sócio-espacial em Ilha Solteira assumiu uma forma quase "institucionalizada" e determinante na vida do indivíduo, pois dela decorria, desde o tipo de casa até o local de lazer que poderia ser freqüentado, refletindo na própria estrutura da cidade que teve seu espaço físico definido pela aglomeração dos diferentes tipos de casas. (DOURADO, 2004).

No ano 2000 foi elevada à categoria de Estância Turística por seus recursos naturais e paisagísticos e em 2001, um programa de governo municipal a intitulou de Capital da Cultura. De acordo com dados do IBGE (2000), a cidade possui 23.986 habitantes.

Sabe-se que o presente está enraizado na história e por isso, ressalta-se a importância dos acontecimentos históricos para se estudar o município. O planejamento inicial conferiu a Ilha Solteira um aspecto compacto, tendo a porção norte do núcleo urbano maiores problemas, quanto ao ordenamento do solo, decorrente da grande concentração de blocos de casas geminadas com poucos espaços livres. Torna-se necessário definir estratégias que possam manter e reestruturar os espaços livres no núcleo urbano original.

As administrações públicas municipais, em geral, não apresentam eficiência com relação à implantação de seus projetos e a satisfação da população. Determinados setores do poder público municipal, apresentam resultado satisfatório na execução de ações, porém outros são inoperantes e inócuos no que concerne ao ordenamento dos espaços urbanos.

No caso das praças, os órgãos públicos responsáveis pelo planejamento urbano municipal, deixam a desejar quando não consultam a população local antes de planejar e executar as obras, o que resulta na produção de espaços que

desagradam à população, por não possuírem estrutura e atrativos adequados aos anseios da mesma.

Neste contexto, este estudo teve por objetivo, espacializar e analisar a relação intrínseca entre os núcleos residenciais por setores e as praças da Estância Turística Ilha Solteira, com destaque para os aspectos estruturais, estéticos e sociais. Na perspectiva de contribuir mediante informações obtidas junto aos moradores, com relação ao uso e anseios para com as praças da cidade em que vivem, para auxiliar em intervenções futuras.

METODOLOGIA

A presente pesquisa empregou dados bibliográficos históricos de Ilha Solteira, fornecidos pela CESP e Prefeitura Municipal, além de revisão de bibliografias pertinentes ao tema estudado.

Para desenvolver o tema proposto foi adotada uma base metodológica quantitativa, trabalhada sob a planta urbana impressa fornecida pela prefeitura municipal e no formato digital fornecida pela UNESP (Universidade Estadual Paulista) de Ilha Solteira.

Entende-se por aspectos quantitativos no meio urbano os aspectos da realidade urbana que podem ser quantificáveis, como, densidades, superfícies, equipamentos, entre outros, sendo utilizados para levantar o espaço físico da cidade (LAMAS, 2000).

Para quantificar os equipamentos e a disposição dos elementos que compõem as praças, optou-se pela utilização da base metodológica proposta por De Angelis & Angelis Neto (1999, p. 7-8), que consiste na elaboração de

formulários para coleta de dados, que depois de analisados oferecem um diagnóstico desses espaços.

Com o uso da planta no formato digital, trabalhada no software AutoCad 2000, foi possível obter as medidas referentes à área e perímetro das praças e por meio de saídas ao campo aplicar a metodologia quantitativa.

Entende-se por aspectos qualitativos do meio urbano “os referentes ao tratamento dos espaços, ao conforto e a comodidade do utilizador”, ou seja, aspectos que refletem a qualidade de vida da população. (LAMAS, 2000, p. 44).

A pesquisa qualitativa envolveu a obtenção de dados por meio de contato direto do pesquisador com a situação estudada, que revelou a perspectiva dos participantes.

Foram entrevistadas 240 pessoas, distribuídas proporcionalmente de acordo com o número de pessoas residentes em cada setor da cidade (Tabela 1).

Tabela 1 – Ilha Solteira (2004): Moradores e entrevistados por setor de pesquisa

Setor	Especificação	Nº de moradores	% de entrevistados
1	COHAB	1.903	8
2	Passeios	3.632	16
3	Passeios	5.297	23
4	Passeios	3.286	14
5	Passeios	2.274	10
6	Novo Horizonte	562	2
7	Jardim Aeroporto	4.192	18
8	Morumbi	981	4
9	Santa Catarina	1.091	5
TOTAL		**23.218**	**100**

Fonte: IBGE (2000)

Organização: Lilian Aparecida Campos Dourado, 2004.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao rever a História da humanidade é possível constatar que havia uma relação íntima entre homem e natureza, contudo o avanço tecnológico modificou

essa relação e muito se perdeu do ponto de vista da qualidade ambiental. É nesse contexto que se resgata a importância das praças, no cotidiano das pessoas que vivem nas cidades.

A praça é um dos fatores identificadores de cidade. Cidades consideradas pequenas geralmente têm uma única praça que se torna palco de festas, reuniões, encontros e desencontros, articulação política, enfim, para se saber notícias sobre o andamento na cidade basta fazer um passeio pela praça, logo se encontrará alguém disposto a dispensar algum tempo para colocar a “conversa em dia”.

Segundo LLorca apud De Angelis & Angelis Neto (1999, p. 2) “As praças são as mãos de uma cidade. Lugar de encontro, ou promessa de encontrar. Esta palavra – que provém do latim *PLATEA*, e esta do grego *PLATY’S* - resume o sentido da Ágora grega e do fórum romano: o espaço do público, da reunião”.

Nas cidades pequenas, a praça ainda é o local onde se encontram amigos, compadres, comadres, crianças, jovens e nem tão jovens assim. Em qualquer hora do dia alguém faz uso do espaço. Seja para descansar, passear com a família, praticar alguma atividade, como ler ou jogar dominó com os amigos, brincar, ter contato com a natureza, aliviar as tensões do dia-a-dia ou para simplesmente fugir da solidão. As praças apresentam possibilidades diversas de utilização, de acordo com suas características, estrutura física e localização.

Nas cidades maiores, como nas médias e grandes, a praça já não têm o mesmo significado. Nestas cidades as praças existem em número maior, e não têm a mesma riqueza de significado. Essa perda de função está associada a inúmeros fatores, um deles é a localização, praça construída em cruzamento de via pública de grande movimento, perto de área de comércio servindo de estacionamento.

Outro fator marcante é a violência, a prostituição que invadiu a praça e expulsou os moradores, que também por outros fatores, como nova tecnologia seja televisão, vídeo cassete, DVD, seja o acesso à Internet, entre outras, cada vez mais se distanciam da vida em comunidade, de espaços coletivos e se enclausuram no âmbito do lar.

Rodrigues (1998, p.12) salienta que:

> Vivemos uma realidade travestida. O cotidiano é marcado cada vez mais pelo enclausuramento, pelo recolhimento. Desaparece a rua como *locus* da sociabilidade, da mesma forma que desaparecem a família e a rua, as relações de vizinhança e de compadrio, desaparece também o *lugar*, entendido por Milton Santos como o "acontecer solidário da vida cotidiana".

Neste contexto, o apreço pelas praças, que muitas vezes se constituem em grande parcela do verde em uma cidade, precisa ser resgatado, de forma a aumentar as relações positivas da comunidade com a paisagem e a vida harmônica em comunidade.

A praça no ambiente urbano está ligada ao lazer e a recreação, porém não são apenas estas as funções da praça, elas desempenham outras funções, como: função ecológica desempenhada pela presença de vegetação e atrativo de animais, presença de solo permeável para infiltração da água da chuva, melhoria do clima e qualidade do ar, função estética ligada à diversificação da paisagem de forma agradável aos olhos de quem a vê e ao embelezamento da cidade, função intimamente ligada ao relaxamento obtido pelo contato com o natural, entre outros.

A cidade é submetida a um complexo e variável processo de gestão que questiona as estruturas da sociedade existente e suas relações cotidianas. A paisagem na maior parte das cidades brasileiras, torna-se cada vez mais monótona e com uniformidade fastidiosa de tom, pois a vegetação urbana vem

sofrendo drástica retração e sucessiva substituição por áreas construídas e impermeabilizadas, privando a população do conforto térmico, saúde e bem estar que pode ser proporcionado pelo verde.

Esta afirmação remete a questões diretamente ligadas ao tema trabalhado, como estrutura e função das praças, a importância desses espaços na qualidade de vida, a distribuição de equipamentos e serviços, e a questão ambiental nas áreas urbanas.

Diante desse processo há necessidade de interação sociedade x natureza e redefinição de estratégias. Nesse contexto, Silva (1997, p.87) destaca a abordagem geográfica:

> A abordagem geográfica privilegia a discussão do cotidiano urbano, enfocando a cidade no que tange a imagens e representações, tendo como atribuição à reflexão e compreensão da produção e organização do espaço urbano, explicando a complexidade da distribuição de pessoas, objetos e atividades no território. Nossa tarefa pressupõe, antes de tudo, interpretar e analisar uma dada situação para compreendê-la e, a partir daí, buscar, da melhor forma possível, explicar o modo mais adequado de dispor objetos, edifícios, casas, lojas, shoppings, ruas, avenidas, parques, igrejas, universidades – tudo isso que move o mundo das pessoas, ou seja, tudo o que é animado pela vida social.

Em Ilha Solteira, a definição espacial, implantação e conservação da arborização urbana e das praças são atribuídas ao Departamento de Habitação e Urbanismo Municipal.

A cidade possui um total de 14 praças (ver Figura 1), sendo que 11 delas estão devidamente identificadas por placas; 100% possuem iluminação; 80% têm caminhos revestidos com pedra portuguesa; 30% das praças não possuem bancos; 25% possuem entre 2 e 10 bancos e 45% possuem entre 10 e 30 bancos; nenhuma delas possui equipamentos de recreação; 30% possuem estacionamento próprio; 20% dispõem de telefone público; apenas duas têm lixeiras e ponto de ônibus disponíveis (ver Tabela 2).

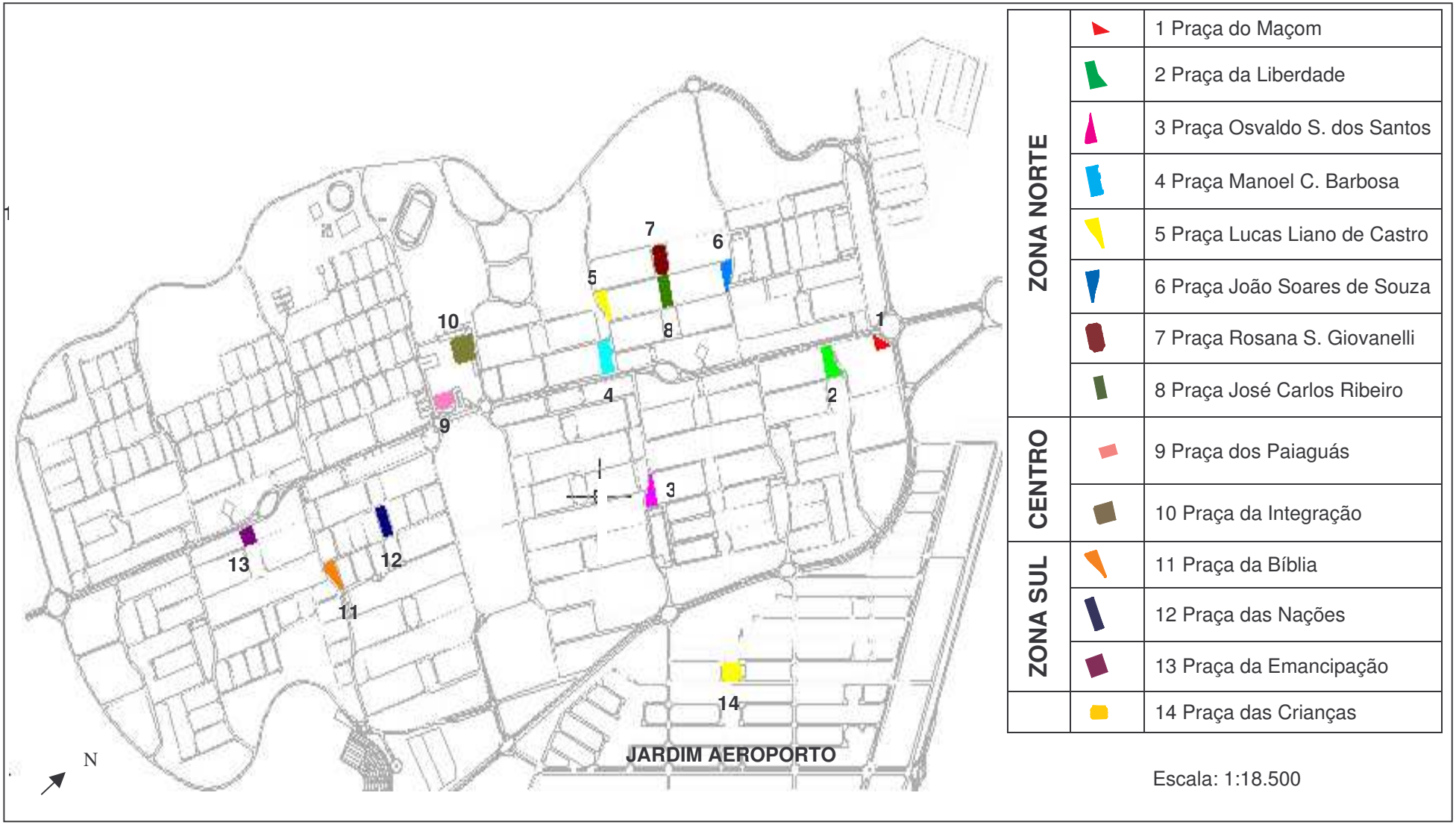


Figura 1 - Espacialização das praças em Ilha Solteira
Organização: Lilian Aparecida Campos Dourado, 2004

Tabela 2 – Ilha Solteira (2004): Localização e características das praças em Ilha Solteira

ESPECIFICAÇÃO			ESTRUTURA FÍSICA								
Nº	Nome da praça	Localização*	Àrea (m^2)	Árvores	Bancos	Postes	Lixeiras	Telefone	Placa	Monumento	Chafariz
1	Do Maçom	Câmara Municipal	1.027	0	0	5	0	0	1	1	0
2	Da Liberdade	Passeio Icaraí	3.407	28	0	7	0	0	1	0	0
3	Osvaldo S. dos Santos	Passeio Palmares	1.584	21	3	4	0	1	1	0	0
4	Manoel C. Barbosa	Passeio Teresina	3.255	37	27	14	0	0	1	0	0
5	Lucas Liano de Castro	Passeio Batalha	1.819	30	23	4	0	0	0	0	0
6	João Soares de Souza	Passeio Colinas	1.851	19	10	7	0	0	1	0	0
7	Rosana S. Giovanelli	Passeio Corrente	3.306	90	2	14	0	0	1	0	0
8	José Carlos Ribeiro	Passeio Batalha	2.956	84	4	12	1	0	1	0	0
9	Dos Paiaguás	Avenida Brasil	2.509	14	0	18	0	2	0	0	0
10	Da Integração	Avenida Brasil	5.261	82	32	16	0	0	1	0	0
11	Da Bíblia	Passeio Jaú	1.824	17	0	10	0	0	1	1	0
12	Das Nações	Passeio Bauru	2.309	15	0	2	0	0	0	0	0
13	Da Emancipação	Avenida Brasil	1.915	8	30	9	0	1	1	1	1
14	Das Crianças	Jardim Aeroporto	3.082	92	18	10	2	0	0	0	0
TOTAL			**36.105**	**537**	**149**	**132**	**3**	**4**	**10**	**2**	**1**

Fonte: Trabalho de campo, realizado em abril de 2004. Organização: Lilian Aparecida Campos Dourado

Observações:

*Ponto de referência para localização das praças

As informações de campo foram coletadas com base no APÊNDICE A

1-8: Praças situadas na Zona Norte; 9-10: Praças situadas no Centro; 11-13: Praças situadas na Zona Sul; 14 Praça situada no Jardim Aeroporto.

Itens não encontrados nas praças: sanitários, palco/coreto, quadra esportiva, parque infantil, banca de revista e quiosque de alimentação.

No quesito vegetação foi possível constatar que, no geral, as praças apresentam um alto índice de cobertura vegetal, fato que facilita a permeabilidade no ambiente urbano e enriquece a paisagem.

No tocante à arborização, as praças possuem 537 árvores de médio e grande porte, com destaque para as seguintes espécies: sibipiruna, oiti, fícus, palmeiras e Ipês, sendo que uma das praças (Praça do Maçom) é coberta apenas por gramado, não dispõe de árvore alguma; 5 praças têm entre 10 e 20 árvores; e 4 têm entre 20 e 40; e as outras 4 possuem entre 80 e 90 árvores.

Vale destacar que a Praça José Carlos Ribeiro, tem uma grande quantidade e variedade de árvores de médio à grande porte, o que dificulta a penetração de luz solar e circulação do vento, o ambiente é escuro e úmido chegando a ser sufocante e desagradável para os visitantes e usuários da referida praça.

A praça das Crianças, também caracteriza a falta de planejamento, possui uma grande quantidade de árvores, mas a maioria são palmeiras de uma única espécie, o que confere ao local um aspecto uniforme e monótono, o tornando desconfortável durante o dia devido a falta de sombreamento.

De acordo com Romero (2000, p.31): “[...] A vegetação contribui de forma significativa para o estabelecimento dos micro-climas. O próprio processo de fotossíntese auxilia na umidificação do ar através do vapor d’água que libera [...]”.

Hernandez et al (1995), com uma série de 26 anos caracterizaram o clima de Ilha Solteira como apresentando temperatura média anual de 24,5ºC e umidade relativa média anual de 64,8%, porém estudos que identificam ilhas de calor na cidade ainda não foram feitos, o que poderia corroborar com Romero

(2000), e ainda, comprovar a necessidade de ampliação das áreas verdes, para que se produza o efeito descrito.

O meio urbano precisa do “verde”, reforçando essa afirmação Le Corbusier (2000, p.223) escreve:

> A árvore cerca o lugar às vezes amplo demais; sua silhueta espontânea contrasta com a firmeza daquilo que nossos cérebros conceberam e nossas máquinas fizeram. A árvore parece realmente ser esse elemento essencial a nosso conforto que proporciona à cidade algo como uma carícia, uma delicada amabilidade, em meio a nossas obras autoritárias.

A praça também pode ser considerada um espaço para o lazer passivo e contemplativo; na locomoção diária entre o local de trabalho ou estudo e o domicílio. Percorrer a cidade pode se tornar uma experiência agradável para os sentidos, com a valorização do verde e das atividades ao ar livre.

Quanto ao aspecto social foi possível constatar que as praças de Ilha Solteira não se constituem em espaços próprios para o lazer, visto que algumas não possuem sequer bancos, em alguns casos estão mais relacionadas a locais de passagem ou encontros.

O Gráfico 1 ilustra o percentual de respostas à pergunta: você freqüenta alguma praça em Ilha Solteira? Aponta uma diferença pequena entre as respostas não (53%) e sim (47%).

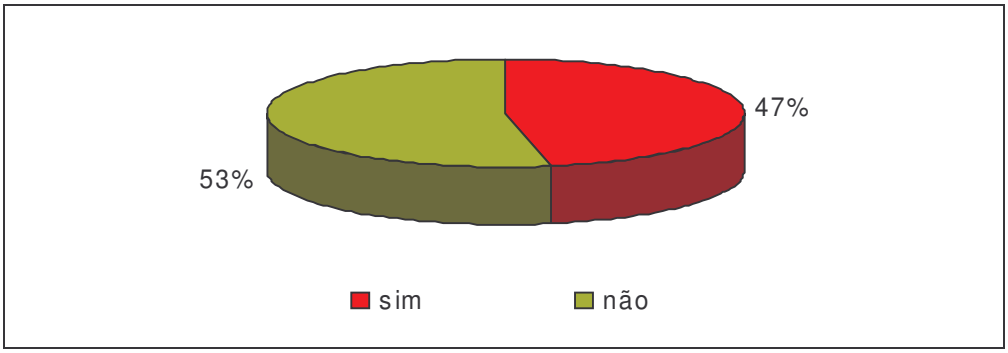


Gráfico 1 - Ilha Solteira (2004): Percentual de freqüência das praças
Fonte: Pesquisa realizada por Lilian A. C. Dourado (2004)

Foi questionado também o porquê de freqüentar ou não o espaço praça. Quando a resposta foi não, as justificativas mais citadas foram as seguintes: “Não tenho tempo”; “As praças daqui não favorecem ao lazer”; “Não há nenhuma praça na cidade que eu tenha vontade de freqüentar”; “Faltam flores, formas bonitas, árvores”; “Faltam atrativos e eventos”; “Porque as praças de Ilha Solteira não oferecem opções para as crianças”; “As praças não tem bebedouros e sanitários”.

Quando a resposta foi sim, as justificativas mais citadas foram as seguintes: “Freqüento a praça, porque fica perto da minha casa”; “Vou a praça quando tem eventos”; “A praça do centro é perto da igreja, lá eu encontro o pessoal depois da missa”; “A do centro tem algumas atividades”; “A praça do centro é o point dos jovens”; “É um modo de diversão sem gastos”; “Lá eu encontro com os amigos”; “Gosto de levar as crianças para passear”.

Nesse sentido, enfatiza-se que as praças se bem localizadas, equipadas, adequadas esteticamente e inseridas harmonicamente no conjunto podem se constituir em espaços onde os moradores podem desfrutar de horas de recreação e lazer e manter contato com a natureza no seu cotidiano, o que contribui para melhoria da qualidade de vida.

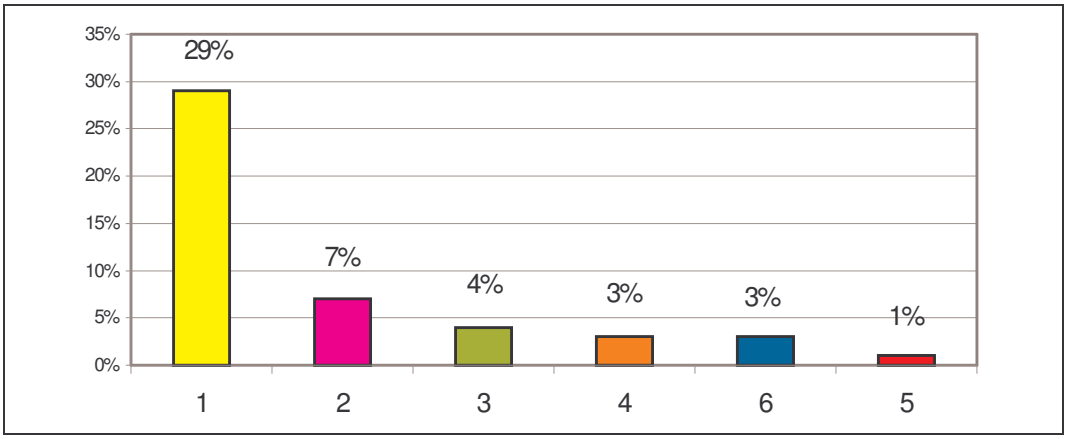
A adequação estética é colocada por Macedo (1996, p.4), como a mais difícil de avaliar, pois tais padrões estão diretamente ligados às expectativas sociais, mas apesar dessa dificuldade, esse fator se mostra tão importante quanto os demais, influindo na aceitação social deste ou daquele espaço.

De acordo com Comune e Campino (1980 apud Ribeiro & Vargas 2001, p.17), “[...] a noção de bem-estar dos indivíduos relaciona-se à qualidade do meio físico e social. Consideram, além da infra-estrutura, os serviços de saúde, de recreação e lazer, a existência de estabelecimentos comerciais e áreas verdes”.

Das 14 praças existentes em Ilha Solteira, 8 delas localizam na zona norte, parte da cidade em que o planejamento não destinou espaços vazios para áreas verdes, ou seja, apresenta grande concentração de casas geminadas, conseqüentemente muito impermeabilizada, com grande concentração de pessoas por metro quadrado.

Essas praças não possuem equipamentos destinados à recreação, o que motiva muitas crianças a praticarem atividades recreativas e de lazer nas “vielas” (vias de acesso interno às casas geminadas), e essa prática causa transtornos, que vão desde reclamação dos moradores à ocorrência policial em decorrência de pequenos incidentes.

Em relação às praças visitadas pela população entrevistada (Gráfico 2), a Praça Paiaguás foi a mais citada, por 29% dos entrevistados.



1 Paiaguás **2** Praça das Crianças **3** Praça perto de casa
4 Área Verde perto de casa **5** Área de Lazer **6** Praça da Integração

Gráfico 2 - Ilha Solteira (2004): Praças visitadas pelos moradores
Fonte: Pesquisa realizada por Lilian A. C. Dourado (2004)

Pôde-se constatar durante as entrevistas que os freqüentadores da praça Paiaguás estão distribuídos por todos os setores da cidade, independentemente de estes possuírem ou não outras áreas verdes perto de casa, isto ocorre por que essa praça está localizada no centro perto da Igreja Católica e oferece atividades de lazer e cultura para a população.

Por outro lado, a praça das Crianças foi apontada por 7% dos entrevistados, todos residentes no Jardim Aeroporto, no qual esta se encontra. As demais praças foram citadas por 4% dos entrevistados, sempre moradores de suas proximidades que não souberam dizer o nome da praça, e se referiram a elas como “a praça perto da minha casa”. As áreas verdes foram citadas por 3% dos entrevistados todos moradores do setor 5, isto se deve ao fato deste setor não ter praças. Vale ressaltar que este setor tem uma grande quantidade de áreas verdes com tratamento paisagístico mantido pelos moradores do entorno e desempenham funções de praça. A Área de Lazer também foi apontada por 3% da população e a praça da Integração, situada no centro, foi apontada por 1%. Essas baixas porcentagens se justificam pela situação de semi-abandono em que se encontram.

A Tabela 3 mostra as respostas que mais se repetiram nas entrevistas, referentes aos pontos positivos e negativos das praças na opinião dos moradores.

Tabela 3 – Ilha Solteira (2004): O que mais gosta e o que menos gosta nas praças?

O QUE MAIS GOSTA NAS PRAÇAS	O QUE MENOS GOSTA NAS PRAÇAS
☺ “Arborização”	☹ “Falta de água pra beber”
☺ “Área livre para as crianças”	☹ “Dos bêbados e andarilhos”
☺ “Bancos, limpeza, árvores e flores”	☹ “Crianças correndo de bicicleta”
☺ “Conversar com pessoas diferentes”	☹ “Falta de eventos”
☺ “De tudo, principalmente dos shows”	☹ “Tem muita sujeira”
☺ “Ver amigos e conversar”	☹ “Da falta de manutenção”
☺ “Descansar, passar o tempo”	☹ “Praça perto de rua movimentada”
☺ “O clima, o cheiro, a paz que transmite”	☹ “Falta estacionamento”
☺ “Dos atrativos, quando tem”	☹ “Faltam árvores, sombra, brinquedos”
☺ “Ir aos eventos e namorar”	☹ “Falta infra-estrutura, coreto, bancos”
☺ “Da feira de artesanato”	☹ “Faltam atividades para idosos”
☺ “Das flores, ar puro, fonte e pássaros”	☹ “Pouca arborização, faltam bancos”
☺ “Das exposições de arte e comidas típicas”	☹ “Faltam canteiros com flores”

Fonte: Trabalho de campo, abril de 2004

Organização: Lilian Aparecida Campos Dourado

Obs. Repostas de acordo com a maior repetição e fala dos moradores na ocasião da entrevista

Conforme já apontado, a Praça Paiaguás é a mais freqüentada, de acordo com os entrevistados isto se deve à localização dessa praça, no centro e próxima à Igreja Católica; os sábados e domingos são os dias em que a maioria das pessoas freqüenta a missa e após a cerimônia permanece por algum tempo na praça, geralmente, para as crianças poderem brincar. A população também aprecia os eventos que ocorrem na praça, principalmente no período noturno dos finais de semana.

Entre as atividades culturais que ocorrem na Praça Paiaguás, que atraem os freqüentadores, se destaca a Feira de Artesanato (FEARTE), que é uma festa que se tornou tradição em Ilha Solteira: shows com apresentações de canto e dança envolvendo a população; o “brincando na praça” atividade direcionada às crianças, além de várias festas beneficentes.

Para completar a análise da percepção dos moradores com relação às praças, após saber os principais pontos positivos e negativos, e a opinião geral a respeito delas, faltava saber quais seriam as propostas de melhoria sob o ponto de vista dos moradores, o que foi obtido a partir da seguinte pergunta: O que você acha necessário melhorar nas praças que freqüenta? A seguir, estão transcritas as respostas, de acordo com a fala dos moradores na ocasião da entrevistas:

“A infra-estrutura, paisagismo”; “A praça da Integração, hoje está muito abandonada”; “Precisa ter mais shows, brincadeiras”; “Arborização, diversão para as crianças, atrações em geral”; “Brinquedos para crianças”; “Cinema, teatro e mais movimento”; “Faltam árvores e manutenção adequada, as praças estão muito mal cuidadas”; “Colocar espaços destinados às brincadeiras de jovens e crianças”; “Colocar mais bancos e espaço para praticar esportes (vôlei)”; “Conservação e promoção de atividades de lazer”; “É preciso que a Guarda

Municipal aplique as leis de trânsito, para evitar as bicicletas na praça"; "Faltam o coreto e fontes iluminadas"; "Mais árvores com copas frondosas, sombra"; "Mais canteiros, coreto, banheiro público, bebedouro e bancos"; "Mais sombra para que possamos freqüentar durante o dia e mais diversões para as crianças"; "Melhorar a manutenção, mais grama, mais árvores, mais área verde"; "Melhorar pavimentação"; "Melhorar a infra-estrutura, arborização e paisagismo"; "Não deveria ter arrancado as árvores que tinham na praça, "Têm que plantar mais árvores"; "Plantarem mais árvores, replantar as que tiraram na praça Paiaguás"; "Poderia acontecer mais eventos para os idosos"; "Poderia ter algumas atividades semanais".

É evidente que há necessidade de infra-estrutura , equipamentos e serviços adequados para atender os moradores e aumentar o número de atrações nas praças, não só a do centro (Praça Paiaguás), como também promover eventos ou atividades nas outras praças da cidade.

O caminho a ser seguido para mudar a realidade atual das praças em Ilha Solteira, e tornar esses espaços mais utilizados pelos moradores, deve ter como base a opinião dos próprios moradores com relação a esses locais.

De acordo com Cutter (1985) apud Ribeiro & Vargas (2001, p.15), "[...] o conceito qualidade de vida propõe o uso de indicadores de três ordens: sociais, ambientais e perceptivos. [...] e as avaliações de qualidade de vida devem iniciar-se pela caracterização do ambiente urbano".

Vale lembrar ainda que Lefebvre (1991), assevera que o direito à cidade só pode ser concebido como direito à vida urbana – que inclui não só o direito à moradia – transformada, renovada e o direito à natureza deve entrar para a prática social em favor dos lazeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Estância Turística Ilha Solteira apresenta problemas decorrentes da construção inicial, sendo que a porção norte do núcleo urbano apresenta mais problemas referentes ao ordenamento e uso do solo decorrente da concentração de blocos de casas geminadas com poucos espaços livres.

As mudanças em Ilha Solteira impressionam os moradores e visitantes. O planejamento urbano municipal nos dias atuais, voltado para o turismo, se ocupa em melhorar os espaços urbanos por onde o turista mais circula, ou seja, as vias principais. O tratamento dado a essas vias é muito diferente do tratamento dado às áreas residenciais, por onde dificilmente o turista transitará. Assim, as praças dessas áreas são menos equipadas e esteticamente não dispõem de atrativos, se comparadas às rotatórias da Avenida Brasil, já que essas praças não têm projetos paisagísticos e requerem reformas urgentes. É evidente a importância da promoção do turismo para o desenvolvimento do município, mas é também papel do poder público, proporcionar espaços adequados e específicos para o lazer e à recreação, pois estes, poderão envolver ações voltadas diretamente tanto para a população local, quanto aos turistas.

Embora as praças não tenham isoladamente o poder de alterar significativamente esse quadro, esses espaços se reestruturados, constituir-se-ão em áreas de recreação e lazer inseridos no cotidiano da população, e contribuirão de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrarão a monotonia dos blocos de casas, estabelecerão pontos de referência e mesmo vínculos afetivos, podendo inclusive aumentar o potencial turístico da cidade.

Aranha Silva (2004, p. 67) ressalta que “Além de criar espaços de lazer como forma de revitalização da cidade, praças, áreas verdes é preciso introduzir

formas de identificação social e pertencimento, ou seja, criar possibilidades de inclusão".

Enfim, entende-se que os moradores das cidades necessitam de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros urbanos onde as formas de tempo e de espaço devem ser propostas, e criadas à práxis, que se referem ao estilo de vida e ao desenvolvimento do urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA SILVA, Edima. Lazer nos espaços urbanos. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas - MS** , v.1, n. 1, Ano 1, nov. 2004, p. 54-68.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO - CESP. **Ilha Solteira:** a cidade e a usina. São Paulo: CESP, 1988. 93 p. (Fascículos da História da Energia Elétrica em São Paulo, 2).

DAMIANI, Amélia Luisa. Turismo e lazer em espaços urbanos. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (Org.). **Turismo modernidade globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 46-53.

DE ANGELIS, Bruno Luiz; ANGELIS NETO, Generoso. **Metodologia para avaliação quali-quantitativa de áreas verdes e praças**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 12., 1999, Jaboticabal. Anais... Jaboticabal: Editora da UNESP, 1999. CD - ROM.

DOURADO, Lilian Aparecida Campos; SANTOS, Ronaldo Antônio; HERNANDEZ, Fernando Braz Tangerino**. Ilha Solteira:** de cidade planejada à Estância Turística. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL. Campo Grande - MS, 20 a 23 de outubro de 2002, Anais... p.301, 2002.

DOURADO, Lilian Aparecida Campos; ARANHA SILVA, Edima; HERNANDEZ, Fernando Braz Tangerino. **Ilha Solteira, contraste de uma cidade planejada**. In: XII ENCONTRO SUL MATO GROSSENSE. Três Lagoas – MS, 24 a 28 de setembro de 2003. Anais... CD-ROM.

DOURADO, Lilian Aparecida Campos. **As praças e a percepção ambiental da população:** um estudo do lazer na Estância Turística Ilha Solteira. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas – MS, 2004 (Monografia)111 p.

HERNANDEZ, F.B.T. et al. **Software HIDRISA e o balanço hídrico de Ilha Solteira. Ilha Solteira:** UNESP / FEIS / Área de Hidráulica e Irrigação, 1995. 45p. (Série Irrigação, 1).

IBGE. **Censo demográfico de Ilha Solteira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

ILHA SOLTEIRA. Prefeitura Municipal. Assessoria de Turismo. **Histórico de Ilha Solteira**. Ilha Solteira, 1998.

ILHA SOLTEIRA. Prefeitura Municipal. Setor de Educação e Cultura. **Memória de Ilha Solteira**. Ilha Solteira: CESP, 1996. 116 p.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2.ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para Ciência e a Tecnologia, 2000. 581p.

LE CORBUSIER. **A carta de Atenas**. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1993. 95 p.

_____. **Urbanismo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 293 p.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEVIN, Jack. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987. 392 p.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagem urbana:** os espaços livres como elementos de desenho urbano. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 2., 1996, Bauru. Anais... Bauru: Editora da UNESP, Cadernos Paisagem 1., 1996. 11p.

RIBEIRO, Helena; VARGAS, Heliana Comin. Qualidade ambiental urbana: ensaio de uma definição. In: _____. **Novos Instrumentos de gestão urbana.** São Paulo: EDUSP, 2001. p. 13-19.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. Os lazeres urbanos: valorização do local no contexto da globalização. In: _____.(Ed.). **Lazer, cidadania:** meio ambiente, Ano III, n. 9, p.12, mar.-jun., 1998.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípios bioclimáticos para o desenho urbano.** 4.ed. São Paulo: Pro Editores, 2000. 128 p.

SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria C. L. DANTAS, Eustógio W. C. (Orgs.). **A cidade e o urbano:** temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. 318 p.